

# A Mídia e a TIC no Contexto Escolar

## Media and ITC in School Context

Adauto Luiz Carrino<sup>a\*</sup>; Maria de Fátima da Silva Costa Garcia de Mattos<sup>b</sup>

<sup>a</sup>Centro Universitário Moura Lacerda e Faculdade de Tecnologia do Governo de São Paulo, SP, Brasil.

<sup>b</sup>Centro Universitário Moura Lacerda, Programa de Pós-Graduação em Educação, SP, Brasil.

\*E-mail: adautomkt@hotmail.com

---

### Resumo

A relação e a classificação que o enredo midiático tem na escola têm sido referenciadas como um simples suporte tecnológico, que a escola se vê obrigada a incluir, por pressão social ou de seus sujeitos nela inseridos. O objetivo deste artigo é demonstrar os diversos contextos e abordagens sobre a perspectiva midiática e o emprego de TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) nas escolas, relacionando como os docentes junto à escola compreendem estes contextos e como utilizam o mesmo. Destarte, contamos com uma metodologia de pesquisa qualitativa de caráter exploratória, aplicando questionários com questões semiestruturadas, nos quais realizamos um recorte, ressaltando os principais aspectos relatados, proporcionando um instrumento de coleta de dados para melhor compreender a visão dos docentes sobre o assunto. Contudo, utilizamos pesquisas bibliográficas e eletrônicas, que contribuíram para levantamentos teóricos referentes à aplicação da função lúdica da aprendizagem, sem os artifícios midiáticos, mas também com o intuito de incentivar os docentes na utilização das tecnologias da informação e comunicação no âmbito escolar, como forma de difusão do conhecimento. Este trabalho foi fundamentado em resultados de pesquisas teóricas e exploratórias, unificando um acervo de informações contributivas e relevantes para os contextos aqui abordados, resultando e constituindo um melhor entendimento sobre as diversas nomenclaturas das faces midiáticas. Dessa forma, este estudo aponta melhores informações referentes à compreensão do enredo midiático e da TIC, nas condições de comparativos e possíveis entendimentos, articulando como a escola junto ao professor vê, entende e articula este contexto no espaço escolar.

**Palavras-chave:** Contexto Escolar. Docente. TIC.

### Abstract

*The relationship and classification that the media plot has at school have been referred to as a simple technological support, that the school is obliged to include, due to social pressure or of its subjects inserted in it. The purpose of this article is to demonstrate the diverse contexts and approaches on media perspective and the use of ICT (Information and Communication Technology) in schools, relating how teachers at the schools, understand these contexts and how they use the same. Thus, we have a qualitative research methodology of exploratory character, applying questionnaires with semi-structured questions, which conducted a clipping, highlighting the main aspects reported, providing a data collection tool to better understand the views of teachers on the subject. However, we used bibliographic and electronic research that contributed to theoretical surveys concerning the application of playful learning function without the media devices, but also to encourage teachers to use information and communication technologies in schools as a way to spread knowledge. This work was based on the results of theoretical and exploratory research, unifying a collection of contributory and information relevant to the contexts discussed here resulting and providing a better understanding of the various classifications of media faces. In that way, this study points to better understanding on the information related to media plot and ICT, in comparative terms and possible understanding, articulating how the school with the teacher sees, understands and articulates this context at the school environment.*

**Keywords:** School context. Teacher. ICT.

---

### 1 Introdução

Os fundamentos relacionados ao universo midiático no contexto escolar vêm sendo discutidos por estudiosos, tais como Belloni (2010), Labrunie (2004), Teruya (2009), entre outros, dispondo diversos enredos que se estendem pelas funções midiáticas, tecnologia da informação e comunicação, junto a embasamentos escolares mais específicos.

Este artigo traz um recorte da dissertação A mídia e o adolescente no contexto escolar (2014), pesquisa que teve como objetivo compreender como o sujeito (adolescente) entende a analogia midiática em seu enredo escolar, além de verificar como o docente compreende a relação entre a mídia e a constituição escolar dos alunos, pesquisando como algumas

ferramentas midiáticas são proferidas entre os tradicionais métodos de ensino-aprendizagem.

O presente artigo traz como essência teórica, fundamentados em Maria L. Belloni (2010), Pierre Bourdieu (1997), Maria G. Labrunie (2004), Tania M. E. Porto (2000), Gilberto L. Santos (2011), Maria da Graça J. Setton (2004), Márcia B. Silva (2011), Tereza K. Teruya (2009), que contribuíram para o diálogo da temática abordada, assim como para um melhor discernimento e visão das terminologias aqui relatadas implantadas nos ambientes escolares.

Este trabalho tem o objetivo de demonstrar os diversos contextos e abordagens sobre a perspectiva midiática e o emprego de TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação)

nas escolas, relacionando como os docentes, junto à escola, compreendem esses contextos e como utilizam o mesmo.

Portanto, ao problematizarmos, buscamos informações referentes à compreensão do enredo midiático e a TIC, nas condições de comparativos e possíveis entendimentos, associamos como a escola com o professor vê, entende e uni este contexto no espaço escolar.

## 2 Material e Métodos

A metodologia utilizada foi baseada em resultados de pesquisas qualitativas de caráter exploratório, aplicando questionários com questões semiestruturadas, nos quais realizamos um recorte, ressaltando os principais aspectos relatados, proporcionando um instrumento de coleta de dados para melhor compreender a visão dos docentes sobre o assunto, unificando um acervo de informações contributivas e relevantes para compreender as diversas nomenclaturas das faces midiáticas.

Deste modo, o questionário investigou se o círculo midiático era articulado entre os métodos de aprendizagem disponibilizados pelos docentes, as funções midiáticas propostas pelos docentes e a utilização dos recursos midiáticos como uma chamada de atenção.

Esta pesquisa de campo foi realizada em uma cidade do interior de São Paulo, na região de Araraquara, cuja população é de aproximadamente 60.000 habitantes. Desta forma, aplicamos os questionários para docentes de duas escolas, apresentadas a seguir.

Primeiro, a escola A, escola técnica estadual que oferece o Ensino Médio, na qual os alunos passam por um processo seletivo (avaliação escrita) para ingresso. Decidimos escolher esta escola por apresentar um aprimoramento em suas propostas curriculares, com um ensino mais rígido e específico do que as demais e pelo fato de o pesquisador do artigo lecionar na mesma. Também aplicamos os questionários para a escola B, uma escola pública dessa cidade do interior de São Paulo que também oferece o Ensino Médio, mas que não dispõe de processo seletivo para se ingressar nela.

Destarte, escolhemos questionar professores das disciplinas que mais se aproximam dos contextos midiáticos; dessa forma, na coleta de dados dos docentes, dialogamos com professores de língua portuguesa, inglês, espanhol e artes. A pesquisa foi realizada com os docentes nos meses de agosto e setembro de 2013, dispondo assim uma melhor visão sobre a inserção da mídia no contexto escolar, com observações que indicam tal relação.

## 3 Resultados e Discussão

### 3.1 Os fundamentos midiáticos no contexto escolar

#### 3.1.1 A mídia no universo escolar

Não podemos ignorar que a inserção grandiosa da mídia no mundo atual possibilitou novas condições, parâmetros e meios para se comunicar, facilitando a aprendizagem e seu

desenvolvimento no contexto escolar, apesar de a escola ainda apresentar certa resistência em integrar o universo midiático ao seu enredo e conduta.

De acordo com os estudos de Labrunie (2004), a escola sempre se manteve submetida à moldura de necessidades correspondentes ao desenvolvimento pessoal e integração social. Intercalamos, presentemente, uma pequena relação de como a escola era e ainda tenta ser, mesmo com a inserção midiática.

Nosso sistema educacional teve sua origem no final do século XIX e respondeu às exigências políticas do processo de construção da democracia e dos Estados nacionais e às exigências econômicas de construção do mercado. Na situação típica do século XIX, a escola era uma continuação da família em tudo o que se referia à socialização moral e aos estilos de vida. A escola formava a criança segundo os aspectos e valores que fortaleciam a coesão social, como a adesão à nação, aceitação da disciplina e dos códigos de conduta, etc. Nesse processo, a criança passava de uma instituição de coesão, a família, para outra, a escola, na qual vigoravam as mesmas categorias de sequência e hierarquia. Para dar conta de sua função, a escola impunha modelos, oferecia pacotes de soluções pré-fabricadas, estimulava a obediência e a memorização com ênfase na linguagem escrita (LABRUNIE, 2004, p. 33).

A escola, atualmente, não consegue acompanhar o enredo midiático. Será que neste modelo de escola em que vivemos, o aluno se sente sufocado e pressionado pelos padrões que a escola exige? Ou será que, segundo este parâmetro, a mídia se torna mais atrativa do que a escola por estimular o adolescente à criatividade quanto a pensamentos e ideias?

Teruya (2009) relaciona uma resposta clara, que articula aspectos positivos e negativos referentes aos recursos midiáticos disponíveis para o universo escolar, fundamentando que a mídia oferece sim uma dinâmica junto a uma gama de possibilidades, mas que também possui suas controvérsias:

Os recursos midiáticos possibilitam as novas formas de ver, de ler, de escrever e de entrar em contato com outro universo cultural, mas também sufocam a nossa inteligência com o excesso de informações que contribuem para fragilizar a nossa capacidade de conceituar, de pensar e de estabelecer relações dialéticas para a compreensão da realidade social (TERUYA, 2009, p.156).

Labrunie (2004, p.34) levanta outro ponto de vista que se instala como um bloqueio do lúdico que a mídia oferece, dizendo que “Na escola o professor detém o saber de uma leitura unívoca, a leitura considerada correta; ao aluno cabe apenas fazer ecoar essa leitura, deixando de lado sua criatividade e a percepção de suas próprias ideias”. Mas instigamos ainda outras perguntas: O que ensinar? Como ensinar? Como integrar este universo midiático?

Silva (2011), sem a pretensão de exaurir essa temática, discute algumas destas questões em seus estudos – partindo de momentos de convivência com os docentes –, em relação às expressões que o universo midiático rege sobre as práticas escolares.

Quais são os pensamentos e opiniões dos docentes

referentes a este tema?

Em algumas falas dos professores, o tema demonstrava um modo genérico de se trabalhar; eles utilizavam os termos já conhecidos por muitos, como “recursos didáticos”, “meios de comunicação”, “ferramentas pedagógicas” (SILVA, 2011, p.18).

Apesar de Labrunie (2004) relatar que, embora exista certa repreensão dos docentes e estudantes, aqueles, mesmo presenciando e vivenciando contextos contraditórios e desajustados nas práticas escolares, permanecem imunes, reproduzindo rotinas premeditadas que circulam a cultura escolar, com o único intuito de conseguir incorporação e aceitação institucional. A cultura escolar é um local de produção, gestão de símbolos e linguagens específicas do campo escolar.

Existe uma difícil compreensão por parte de professores e comunicadores sobre até que ponto a tecnologia é considerada um fator que traz benefícios para a humanidade, deixando, muitas vezes, o sujeito cada vez mais dependente das ferramentas tecnológicas.

A função destas novas tecnologias de informação e comunicação, como Internet, computadores, *tablets*, entre outras, está distante de ser entendida por educadores e pesquisadores, relacionando a relevância efetiva destes aspectos técnicos no cotidiano dos jovens e adultos de todos os países (BELLONI, 2010).

Na passagem do século, a globalização do capitalismo se consolidou e certa cultura popular de massa mundializada se instalou incontestemente em quase todas as aldeias do planeta, reunindo-se em torno do pensamento único neoliberal, que prega a diversidade cultural e a flexibilidade precária para o trabalho como formas de respeito às culturas locais. A disseminação desse discurso tornou-se possível ou foi potencializada graças ao incrível avanço técnico e científico em todas as esferas da vida social, especialmente na informática, nas telecomunicações e na miniaturização de equipamentos eletrônicos. O casamento dessas máquinas maravilhosas se torna bem visível nas tecnologias de informação e comunicação que vêm transformando o cotidiano de adultos e crianças. Longe de diminuir sua importância nos processos de socialização das novas gerações, as características interativas das TICs, ao dar aos usuários jovens a impressão de que tudo é possível na rede, aumentam ainda mais sua eficácia como dispositivos de controle das ideias, das emoções, do corpo e da mente (BELLONI, 2010, p. 112).

A impressão que a autora relata refere-se à liberdade de expressão, ao fato de que tudo parece possível, quando me encontro por trás de uma máquina. O sujeito se entrega de corpo e alma no contato com essas tecnologias, fazendo da sua vida um relógio instantâneo e programado para postar e conviver com estes meios que publicam a sua vida diariamente.

### 3.1.2 As diversas nomenclaturas midiáticas no contexto escolar

Pensando nas escolas que possuem recursos provenientes da Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) disponíveis para seus alunos, observamos que essa realidade

fortalece a aquisição de conhecimento dos estudantes, instigando outras questões. Já a grande maioria das escolas no país não disponibiliza essas tecnologias e acabam por criar uma situação excludente, na qual os alunos se veem como diferentes dos colegas com quem convivem, independente do círculo escolar, considerando que, de acordo com Porto (2000, p. 34-35), “O conhecimento das linguagens das mídias permite ao aluno conviver e participar no mundo”. Mas como a mídia rege a sua prática educativa?

Historicamente diversas nomenclaturas foram e ainda são utilizadas para referir o trabalho com as mídias na educação: recursos didáticos, recursos audiovisuais, tecnologias educacionais, meios audiovisuais, meios de comunicação, meios de comunicação de massa, mídias, multimídias, hipermídia, tecnologias de informação e comunicação (TIC). (SILVA, 2011, p.18).

Para Belloni (2010) e Silva (2011), este regimento midiático na prática educativa é atribuído através da TIC ou, como várias outras nomenclaturas são articuladas entre o corpo docente, existem várias formas de se classificar o contexto midiático nos campos educacionais.

Destacamos: a relação que a mídia possui com a educação é diagnosticada por seus fundamentos no que corresponde aos recursos didáticos. Neste mesmo contexto, são classificados como “materiais de apoio” para auxiliar no ensino e em seu pensamento lúdico e ilustrativo, equivalendo-se a uma melhor disposição dos conteúdos propostos.

Estes recursos audiovisuais são caracterizados por uma conexão de imagens, por exemplo, quadros de escrever, fotografias, ilustrações, livros; com o som, CD, rádio, MP3; ou ainda com ambos: som e imagem, cinema, TV/DVD, slides sonorizados.

Silva (2011, p.22) articula que a “técnica e a tecnologia assumem um lugar central na corrente tecnicista, sofrendo influência dos estudos de matriz comportamental, ou seja, estudos que consideram as mudanças de comportamento como indicadores de aprendizagem”.

Este novo conceito adicionou funções que antes não existiam no campo educacional, articulando necessidades emergentes que os meios de comunicação, as tecnologias trazem por se tornarem objetos de estudo além dos procedimentos pedagógicos:

Esses ‘objetos’ carregam consigo, na forma como são apropriados pelo e no social, a possibilidade de disseminação de valores, conceitos e conhecimentos que até então eram privilégio somente da família e da instituição escolar (SILVA, 2011, p.23. Grifo do autor).

Estes recursos são funções e produções simbólicas com as quais muitos sujeitos no processo de formação educacional se identificam. Para Santos (2011, p.32), nestes novos paradigmas, é necessário que haja uma melhor aproximação em relação ao que se passa na escola e o que se passa no mundo externo.

A escola não pode viver isolada do mundo lá fora. É preciso uma unificação que chame a atenção dos alunos para

o mundo escolar, buscando junto aos contextos do mundo externo a interação, o desenvolvimento, a aprendizagem e a evolução.

### 3.1.3 O emprego de TIC no universo escolar

O conceito de desenvolvimento tecnológico estabelece intensas modificações e transformações em peças sociais que vigoram e prometem reformular o aparato educacional. Este impulso foi incorporado rapidamente pelos temas empresariais que fabricam aparelhos eletroeletrônicos, em especial os agregados à área da informática, entrelaçando oportunidades de sucesso no meio educacional, atuando sobre as políticas nacionais de educação.

A denominação TIC entra nas escolas brasileiras predominantemente através de textos oficiais e políticas educacionais de inspiração neoliberal. Encenam uma retomada da ideia de meios como instrumentos utilizados na escola para auxiliar o ensino e os reclassificam numa nova escala de valores, cujo topo está ocupado pelas tecnologias informatizadas representadas pelo uso de computadores, programas, Internet, entre outros (SILVA, 2011, p. 23-24).

O sentido e conceito atribuído ao termo TIC no universo escolar vêm transmitindo distorções do mundo midiático e comunicacional, propondo traduções para que estes sejam apenas aparatos ou funções pertencentes aos aspectos tecnológicos. Para Silva (2011), esta nomenclatura TIC foi classificada através do crescimento da informática e de novas formas de integrar as mídias já existentes, relacionando conexões entre elas, incorporando as dimensões midiáticas da televisão, do rádio, dentre outras linguagens, como tecnologias de comunicação e informação. Labrunie (2004) reforça ainda o conceito de Silva (2011) referente à integralização midiática ao termo TIC.

A televisão e o cinema, ao imitar o real usando movimento, sons e imagens, estão desenvolvendo formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a comunicação com o público. Combinam a dimensão espacial com a sinestésica, onde o ritmo torna-se cada vez mais rápido. Ao mesmo tempo utilizam a linguagem conceitual, mais formalizada e racional. Imagem, palavra e música integram-se dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a aceitar mais facilmente as mensagens (LABRUNIE, 2004, p.45).

Não podemos negar que, do modo como as informações nos chegam hoje, ainda articulamos formas suaves de apreender e entender as informações, impedindo que sejam concretizadas produções efetivas que compreendam estes termos reais. Labrunie (2004, p.45) relaciona que “Além da forma, a televisão e o cinema trabalham, em seus conteúdos, com os mitos e as marcas do imaginário social predominantes nos grupos sociais”.

No entender de Silva (2011, p. 24), os termos mídias, meios de comunicação carregam uma carga cultural cujo conceito sempre esteve conectado à função de “[...] comunicação, inter-relação, cultura, reciprocidade, relação

eu-outro-eu-mundo”. Enfim, são atribuídos vários conceitos que atritam com a nomenclatura TIC. Desta maneira, os valores comunicacionais junto aos mitológicos podem ter sido borrados ou se tornado ociosos no movimento de sentidos relacionados à abrangência que a nomenclatura TIC abriga, devido a este conceito usufruído pelas empresas produtoras de aparelhos eletrônicos e de materiais didáticos, pedagógicos e ainda de utilização política, gerando esta dimensão para a sociedade.

Não podemos classificar o termo TIC como um universo que abrange todas as funções midiáticas, comunicacionais e informativas que o mundo atual oferece. Como, por exemplo, Labrunie (2004, p.43) afirma: “Se considerarmos o conjunto de todos os textos (ou imagens) que o leitor pode divulgar automaticamente interagindo com um computador, penetramos num novo universo de criação e de leitura dos signos”.

Desta forma, percebemos aqui como o universo midiático e comunicacional é muito mais amplo do que uma nomenclatura classificada por grupos sociais distintos. Santos (2011) enfatiza como é importante descobrir os métodos de ensino-aprendizagem no mundo virtual para a articulação de um novo contexto educacional, com embasamento para uma nova dimensão do conceito político-pedagógico, proporcionando possibilidades aos círculos educativos para que os trabalhos em sala de aula possam ir adiante, de maneira renovada, cumprindo suas funções e missões.

Estamos vivendo num contexto educacional em que podemos possibilitar abertura de procedimentos pedagógicos sem relacionar, integrar as funções midiáticas e equivalentes ao universo da comunicação e informação. Este movimento encontra-se cada vez mais emergente, principalmente no ponto em que a escola se afasta dos parâmetros midiáticos.

Não podemos negar que ainda existem muitos paradigmas enraizados nas escolas, obstruindo a necessidade de reinventar um novo universo educacional, mais funcional, articulado com o mundo das linguagens, tecnologias, informações e comunicações, mas que atual e contraditoriamente “[...] caracterizam a sociedade que acolhe a escola, a qual não pode permanecer como se fosse um peixe em um aquário, protegido da água por uma bolha de plástico: debatendo-se sem possibilidades de renovação do ar.” (SANTOS, 2011, p.313).

Podemos indicar também que ainda existe uma inadequada execução das tecnologias na escola. Os docentes ainda possuem dificuldades em seu manuseio/uso e em saber como integrá-las ao contexto educacional e pedagógico. Não podemos nos isolar de soluções, ainda que sucintas, as quais propõem uma solução imediata para este campo ominoso entre educação e comunicação. Para Santos (2011, p.313), é preciso “[...] à adoção de novas práticas pedagógicas e à invenção de uma nova escola, condizente com os parâmetros e modos de funcionamento da sociedade da informação”. Já para Silva (2011, p.24-25):

É preciso considerar que, no âmbito da relação entre estudo das mídias e educação, os sentidos atribuídos às diferentes nomenclaturas se mesclam na prática educativa dos professores articuladas a outras fontes de sentido. Desse modo, eventualmente, a educadora ou educador pode se apropriar de uma nomenclatura alinhada com um projeto social mais desigual, mas pode acontecer de articular esse entendimento com outros conhecimentos mais direcionados a um projeto social mais justo, menos desigual – isto porque não há uma única possibilidade de ação, pois são nas contradições que brechas de atuação emancipatória podem aparecer.

A adoção desses conceitos corresponde a uma nova dimensão para os dois universos, comunicação e educação, fazendo com que eles pensem entre si, como forma de colaboração para ambos os campos. Mídia e educação devem caminhar juntas, havendo socialização e integralização dos dois meios, que são tão essenciais nos aspectos culturais quanto nos quesitos referentes à constituição do sujeito pertencente à sociedade.

### 3.1.4 O virtual do contexto educacional e o virtual das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)

Não podemos nos esquecer de que o conceito de virtual já existia antes na escola, bem antes das diversas nomenclaturas midiáticas.

Como afirma Labrunie (2004), quando um professor entra em sala de aula, ele tem o compromisso de levar os alunos a situações externas ao ambiente presencial. Ele vem com a dimensão de embarcar os estudantes em uma viagem virtual ao passado, à reflexão, ao universo das ciências, das linguagens, enfim, ao universo da experiência entendida pelos humanos como cultura. O professor é o único que realiza, neste momento, a mediação entre este conhecimento virtual e os alunos. Mas, na atualidade, nos deparamos com alunos descomprometidos, que riem alto, brincam, possuem comportamentos inadequados, num constante movimento de euforia. Nestes novos tempos, o professor trabalha com dificuldades para conseguir apresentar, demonstrar e articular o seu conhecimento virtual, dentro deste espaço tão complicado para os alunos entre si. Esta grande viagem para fora do universo escolar através do conceito virtual que o professor apresenta tem sido, de maneira geral, sufocada pelos próprios estudantes, proporcionando-lhes várias consequências que a mídia veicula rapidamente, como a repetência, baixa qualidade das aprendizagens e desenvolvimento dos alunos, evasão escolar, resultados inferiores ao desejado.

Este virtual relatado decorre tradicionalmente, para a autora Labrunie (2004), da presença do professor na escola, ocorrendo através da escrita e da oralidade do mesmo. Este virtual abordado, atualmente, ainda faz parte do campo educacional.

Não quero dizer com isso que a virtualidade que compõe a estrutura escolar seja a única responsável pelos problemas na escola, ou seja, que se a escola trabalhasse só no concreto, ela se sairia melhor. O que quero dizer é que o virtual é parte inerente à forma como a escola foi pensada e, por isso, faz

parte da cultura escolar. O virtual anda junto com a série de atos técnicos típicos da escola, como planejamento e planos diários de aula, currículos em fases pré-estabelecidas, testes e provas de aferição, além da distância da cultura do aluno (LABRUNIE, 2004, p.39).

Sabemos que, atualmente, vários docentes relatam que as crianças e os adolescentes não prestam mais atenção à aula, os professores têm dificuldades em transmitir suas aulas; além disso, os alunos não se concentram o suficiente para uma aprendizagem efetiva. Mas também sabemos que alguns destes docentes ainda culpam a mídia como um dos principais fatores para que esta dispersão ocorra.

Para Labrunie (2004, p.39), este pensamento também persiste na própria mídia, que periodicamente produz artigos e reportagens articulando sobre a violência vinculada às crianças, através de programas que apresentam imagens fortes de agressões, ou ainda, “[...] relatam casos de adolescentes que foram afetados mentalmente pelo excesso de contato com jogos virtuais, computadores, televisão”. Passar a responsabilizar à mídia pela dificuldade que se tem ao trabalhar o ensino e a aprendizagem com crianças e adolescentes na escola tornou-se senso comum entre os docentes, educadores e familiares.

A cultura escolar parece demonstrar que, no mundo educacional, acredita-se que todos os alunos apreendem de maneira igualitária, na mesma sintonia, no mesmo tempo, carregando supostas neutralidades. A escola possui dificuldade em aceitar que o indivíduo se apresenta com identidades constituídas a partir de experiências que, por diversas vezes, se estremeçam com tradições escolares e uma grande articulação com os meios de comunicação.

Porto (2000) e Labrunie (2004) acreditam que o universo escolar não cogita as diversas linguagens culturais trazidas por seus alunos, mas acontece que, muitas vezes, esta cultura do aluno é construída por vivências, experiências, aprendizagens e *habitus*, conforme Bourdieu (1997). Mas será que a escola permite que este “virtual” narrado pela autora se desperte na constituição de cada adolescente, ou será que a escola tenta manter este virtual adormecido, com medo do que possa acontecer?

Aos olhos de Labrunie (2004, p.42), o universo escolar não quer atribuir espaço e legitimidade a contextos de virtualidades diferentes do texto escrito. Sendo assim, para os docentes, este contexto escrito de virtualização possibilita ao aluno o aprofundamento, a reflexão, o movimento lúdico, enquanto que as ferramentas audiovisuais tornam o desenvolvimento e a aprendizagem junto ao trabalho algo mais superficial. Ainda que, para os docentes entrevistados na pesquisa da autora, o texto escrito corresponda ao referencial mais importante, dá-lhe a possibilidade de voltar, pensar e refletir.

Consideramos importante neste trabalho diferir, através dos conceitos da autora, entre o virtual tradicionalmente advindo do contexto educacional, proporcionado através da escrita e da oralidade, e o virtual concebido pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). A diferença entre o

virtual da escola e o da mídia constitui-se no modo como a pessoa ou objeto está sendo visto na tela, em vez de ser lido ou escutado. Para Labrunie (2004, p.45): “Esta forte sensação de que se lida com o real na experiência com a televisão ou com o cinema (e que considero ser a segunda diferença), diferencia-se substancialmente da experiência de virtualização gerada a partir do texto escrito e da oralidade”.

Ainda que para esta autora os filmes, seriados, novelas e programas transmitidos na TV e no cinema tenham o poder da “materialização” do conceito virtual educacional, atribuindo um formato imagético dos assuntos que estão sendo enunciados, podemos afirmar que a mídia “materializa” o virtual, diferente da escola, pois o universo escolar não consegue alcançar a dimensão que o universo midiático oferece, como relata Santos (2011, p.312):

Em face do movimento avassalador, que ocorre na sociedade como um todo, há um amplo mal-estar instaurado no ambiente escolar, cujas dinâmicas de ensino e aprendizagem não integram princípios fundamentais da sociedade da informação, tais como: a autonomia, a independência na busca de conhecimentos, a capacidade de autoformação, o pensamento hipertextual, a criatividade, entre outros.

Para o autor, a escola não disponibiliza uma dinamização de informações rápidas como, por exemplo, o mundo da Internet oferece, pois as dimensões escolares não integram de maneira essencial as relações de informação e comunicação. Existem professores que se afastam do mundo virtual, tecnológico; por terem medo/receio deste universo, por não o conhecerem totalmente, não se integrarem, preferem se afastar, com paredes erguidas para viverem em seu movimento de ensino arcaico, trancado, que é completamente contraditório ao universo dos jovens.

Necessitamos discutir para que haja modificações paradigmáticas nas dimensões escolares correspondentes ao mundo da informação e comunicação. Precisamos ainda pesquisar e investigar mais os parâmetros que relacionam estes dois grandes mundos, educação e mídia. Como será este futuro escolar que se agrega ao contexto de informação? Será um método educacional libertador, a fim de quebrar paradigmas já enraizados.

Para isto, é preciso entender a relação e classificação que o professor tem com a mídia, não considerá-la simplesmente um suporte tecnológico que a escola se vê obrigada a incluir, por pressão social ou de seus participantes.

## **3.2 Análise referente ao olhar do docente perante o contexto midiático**

### **3.2.1 As funções midiáticas indicadas pelos docentes**

Questão: Você propõe funções midiáticas (filmes, telejornais, seriados, videoaulas, pesquisas na Internet) que possam servir de auxílio ao contexto educacional? Se sim, quais e por quê?

Docente 1 – Escola A - Sim, por diversas vezes peço pesquisas na Internet, procuro orientar os alunos quanto

às videoaulas no auxílio de um complemento de conteúdos diversos, filmes, telejornais e seriados, principalmente em língua estrangeira.

Este professor utiliza o enredo midiático nas aulas e incentiva seus alunos para que o utilizem fora do espaço escolar, como auxílio as suas aulas e apoio a suas explicações; ele ainda relata que o contexto midiático é imprescindível em sua disciplina, dispendo-o como sustentação para o aprendizado da língua estrangeira.

Docente 2 – Escola A - Às vezes. Ainda sou fã dos livros e da pesquisa e tento passar isso aos alunos de maneira natural, mas utilizo as pesquisas na Internet, muitas vezes direcionadas (passo o site aos alunos).

Observemos este aspecto que o professor levantou. Ele relata que prefere indicar livros, mas os livros também fazem parte do contexto midiático, não eletrônico, mas não deixa de ser uma mídia, assim como a revista, o jornal. Porém o livro respalda para o professor uma credibilidade maior, uma confiança transmitida em raízes pedagógicas. Mas é interessante esta observação, porque ela ressalta o livro como se não fizesse parte da narrativa midiática. O universo da pobreza cultural e material a que simbolicamente este docente se refere, com o qual os discentes convivem, pode ser fator primordial para seu papel positivo ou negativo quanto a seu processo de formação escolar.

Como exemplo, a ausência de conhecimento e leitura de qualquer obra impressa demonstra uma dimensão de escolarização e sentido da vivência futura dos jovens, envolvendo em uma eliminação natural do universo da cultura escrita, elevada, valorizada e alcançada por meio do desenvolvimento do conjunto escolar. Mas, em outra visão, os jovens têm acesso irrestrito às mídias de massa (televisão, rádio, Internet), não tendo nenhum controle, domínio ou orientação diante dos vários conteúdos que veem, ouvem e utilizam. Sua extensão cultural é composta principalmente por essas analogias midiáticas convividas numa conjuntura de ferocidade, adversidade, evidenciando muitas vezes uma decomposição sociocultural (BELLONI, 2010).

Docente 3 – Escola A - Não há como nos nossos dias não utilizar estes tipos de recursos, pois todos estamos ligados neste mundo 24h/dia. Tenho utilizado muito os recursos do Click Ideia e da Internet, na pesquisa e na leitura de textos internacionais.

Nesta resposta podemos observar que os professores desta unidade indicam este site escolar como fonte de pesquisas e conhecimento, proporcionando um auxílio às disciplinas escolares. Bem interessante e de grande valor esta troca de informações entre docentes e discentes através do site mencionado, que, com certeza, promove um bom aprendizado e conhecimento, deixando clara também a influência do corpo docente na escolha dos sites indicados anteriormente aos alunos.

Docente 4 – Escola A - Sim, no Portal Click Ideia, porque o aluno do Ensino Médio é cadastrado e pesquisa sobre o

assunto postado no blog do professor.

Observamos novamente o acesso ao site Click Ideia, sendo que nesta resposta fica claro que tal site é disponibilizado para os professores postarem conteúdos que ilustram melhor a disciplina, além de explicações e melhores entendimentos/complementos. É um auxílio adicional ao contexto midiático que este site oferece para os alunos. Para este contexto tornamos relevantes as palavras de Teruya (2009, p.159):

Para que a recepção seja um espaço de interação e de negociação de sentidos, é preciso educar para a mídia e adotar uma pedagogia dos meios que favoreça a compreensão dos diferentes modos de apropriação dos produtos culturais, sem superestimar e nem subestimar os produtores das mídias e os receptores desses meios.

Identificamos como a utilização do site Click Ideia, apontada pelos docentes da escola A, promove este valor que a autora relata, articulando os movimentos da mídia-educação, de modo que contribuía para a formação do sujeito adolescente no contexto escolar.

Docente 1 – Escola B - Acredito que sim, desde que o aluno consiga diferenciar o que realmente é produtor na sua formação escolar, e o que é dispersivo para sua formação.

Docente 2 – Escola B - Sim, como filmes e pesquisas na Internet, para que as aulas fiquem mais dinâmicas e interativas. Mas o aluno tem que saber diferenciar o que realmente é produtor na sua formação escolar e o que é dispersivo para sua formação.

Os docentes da escola B acreditam que o enredo midiático é importante para complementar o conteúdo e para chamar a atenção dos alunos, tornar a disciplina mais atrativa, muito embora eles relatem que deve haver discernimento para a utilização da mídia de modo adequado, e não como um recurso que proporciona a dispersão, como alguns discentes vêm evidenciando.

Belloni (2010) e Silva (2011) indicam que múltiplas funções midiáticas são efetivadas diante da nomenclatura TIC, como maneira dos docentes usufruírem dos recursos midiáticos no campo escolar. Entretanto, tal aspecto midiático deve ser implantado no currículo formal do docente, desde o início de sua formação.

No que diz respeito ao circuito formador de professores, as pesquisas sobre mídia e educação, de maneira geral, não estão sediadas em cursos de licenciatura, mas, sim, em cursos de Comunicação ou de pós-graduação, entre outros. Essa distância tem implicações concretas, sobretudo quando se observa o perfil dos professores brasileiros: trata-se de uma clientela com 'inclusão relativa' no mundo letrado (ZANCHETA JR, 2008, p.149).

Será que estes professores conseguem ter uma compreensão adequada sobre o enredo midiático e seus desempenhos no contexto escolar? Os docentes da escola A até apontaram uma melhor postura quanto ao enredo midiático, evidenciaram uma melhor compreensão sobre o assunto, mas em alguns aspectos também se demonstraram desorientados, duvidosos, da mesma forma que os docentes da escola B.

Com este parecer, elevamos neste momento a visão de Zancheta Jr. (2008), que dispõe a proposta do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, nas analogias entre a comunicação e a educação, correspondendo ao intermédio entre os alunos e os meios de comunicação, como uma função do educador. De acordo com Zancheta Jr. (2008, p. 146): “A proposta educacional sugere, por exemplo, que a apropriação do rádio e da televisão (criando-se redes alternativas de produção midiática) pode constituir um instrumento de agregação, de politização e de autoafirmação comunitária”. Neste momento, investe-se, então, no campo indicativo sobre o uso dos meios de comunicação como propagação de produção e articulação da informação pelos discentes, fazendo deste ato uma forma de expressão e concepção do círculo midiático e social.

Destarte, Zancheta Jr. (2008) concorda com o pensamento de Santana e Mercado (2011, p. 275), que aferem a função da mídia como forma de poder e discussão nas escolas, evidenciando que o contexto midiático não seja ignorado pelos docentes, a fim de “[...] contribuir para ajudar os alunos a discernir entre o mundo no qual estão inseridos e o mundo que a mídia deseja que seja visto, revelado, percebido, reafirmando a importância da formação continuada e do aperfeiçoamento docente”.

### **3.2.2 A utilização dos recursos midiáticos como chamada de atenção**

Questão: Você identifica se os alunos prestam mais atenção na aula quando são utilizados recursos midiáticos?

Docente 1 – Escola A - Sim. O que mais prende a atenção do aluno são os recursos oferecidos pela tecnologia. As aulas ficam mais atrativas e motivadoras.

O docente relata que os recursos tecnológicos são sim uma forma de chamar a atenção para o movimento educacional e de aprendizagem no Ensino Médio.

Docente 2 – Escola A - Nem sempre. O recurso, quando utilizado em aula, não traz consigo a informação “expressiva” do professor e do aluno. O contato, o olhar, ainda é o ponto chave para a aprendizagem, assim penso.

Analisemos um contexto importante que este docente destacou, pois ele afere que os enredos midiáticos não podem substituir o desempenho do docente, de transportar o aluno para outro universo do conhecimento, o do pensamento, da imaginação e da reflexão, sobrepondo ainda que o docente se faz expressivo diante dos alunos, já a mídia possui recursos para a chamada de atenção dos sujeitos em formação, mas distintos daqueles que o docente possa oferecer.

O docente acima se aproxima muito do pensamento de Labrunie (2004), o qual articula: quando o professor entra em sala de aula, ele é responsável por nortear os discentes para outro universo que se sobrepõe ao ambiente presencial. Ele deve conduzir o pensamento de seus alunos para um espaço unificado que ele está elucidando sobre a disciplina

em questão.

Docente 3 – Escola A - Creio que é um ótimo elemento de motivação.

Docente 4 – Escola A - Sim, o interesse é maior. Quando produzem textos, há citações e opiniões paralelas inserindo fatos da mídia.

Analisamos assim que, na narrativa escolar, bem como na produção de textos, os alunos trazem os movimentos, contextos e histórias narradas pela mídia, expondo suas opiniões sobre tais acontecimentos e ainda propiciando o cruzamento de informações entre o espaço midiático e sua formação escolar.

As respostas dos docentes acima se entrelaçam com o pensamento de Santos (2011), que articula a adoção de novos contextos pedagógicos e o movimento de um novo papel escolar, coerentes com os fundamentos e sistemas de funcionamento de uma sociedade da informação e tecnologia.

Deste modo, oferecemos outra visão essencial, o parecer de Teruya (2009, p.156) em relação à utilização da mídia no espaço escolar:

No meio estudantil, e até entre professores e professoras, é comum tratar as informações da mídia, tanto eletrônicas quanto impressas, como fontes de verdade. A perspectiva dos estudos culturais salienta a necessidade de se educar o olhar ou educar para a mídia na formação de professores e professoras, não apenas para utilizar a mídia como recurso didático, mas é preciso ir além, problematizar as narrativas que dão sentidos à cultura do consumo para atender os interesses da produção capitalista.

Trata-se de investir também na formação dos professores, para que estes utilizem a mídia no meio educacional de maneira adequada e não como uma forma de suprir o tempo ocioso. Os docentes devem aprender a direcioná-la corretamente para seus alunos, como utilizá-la e como disponibilizá-la, para que haja um melhor aprendizado junto ao processo contínuo do conhecimento.

Docente 1 – Escola B - Às vezes, mas não por muito espaço de tempo.

Verificamos que este docente ressalva que, às vezes, as funções midiáticas prendem a atenção, mas que não é sempre que estas funções conseguem capturar a atenção dos discentes.

Docente 2 – Escola B - Em princípio os recursos midiáticos chamam muito a atenção dos alunos, mas deve-se sempre mesclar.

Este docente ressalta que no começo os recursos cativam a atenção dos alunos, mas que é preciso mesclá-los com outros procedimentos pedagógicos.

Dispomos então que o professor/educador deve usufruir dos enredos midiáticos com cuidado, colocando os sujeitos em formação para considerar o outro lado que a mídia oferece, o lado da informação, do aprendizado, do conhecimento, e não apenas como uma maneira de se distanciar do âmbito escolar (SETTON, 2004).

Zancheta Jr. (2008) ainda complementa essa ideia com o pensamento de que deve haver uma preparação de materiais

didáticos em meio digital, sendo estes disponibilizados para discentes e docentes, entrelaçados a contextos que abriguem diferentes suportes. Neste olhar, deve-se concretizar a importância e relevância de ambos (educação e mídia) e tornar claro para o sujeito suas distinções, analogias e concepções em sua constituição escolar.

#### 4 Conclusão

Diante da concretização desta pesquisa acadêmica, relatamos alguns pareceres que norteiam a nossa compreensão em relação ao contexto mídia-educação, identificado através das teorias junto aos círculos escolares.

Delineamos o nosso olhar para as políticas que são constituídas por fragmentação, correlacionando que a mídia é apenas inclusa em sala de aula.

Desta forma, não há uma inteligência profunda sobre os aspectos históricos, é como se as funções fossem fragmentadas, por isto é necessário constituir uma unificação destes fatores, gerando parâmetros de boa fundamentação para a inserção do enredo midiático no campo escolar, dispondo aprendizados sobre seu manuseio, suas funções de trabalho, maneiras adequadas de referenciá-lo, difundi-lo, aplicá-lo e como transportar este universo midiático para o educando em forma de aprendizado, reflexão, e não como forma fragmentada de um exercício circular. Necessitamos pensar sobre uma nova prática pedagógica junto ao emprego destes novos enredos midiáticos.

Destarte, quando questionamos alguns docentes que mais se aproximam do enredo midiático e que atuam nas escolas pesquisadas, relacionamos que estes têm participação ativa na vida escolar dos adolescentes, correlacionando alguns aspectos de como estes educadores enxergam a perspectiva mídia-educação. Na coleta de dados dos docentes de ambas as escolas, pudemos observar que os docentes da escola A aparentam um maior domínio sobre o contexto midiático, até mesmo pelo manuseio deste artifício; os professores até mantêm uma relação de troca de conhecimento através do site Click Ideia, espaço este que proporciona informações que complementam os conteúdos dialogados pelos professores em sala de aula.

Deste modo, a mídia-educação deve promover um diálogo entre escola e as congregações midiáticas, disponibilizando ao educando funções que despertem seu conhecimento na formatação do conteúdo.

Portanto, podemos relatar que foi articulado o objetivo inicial deste artigo, dispondo um entendimento teórico sobre os diversos contextos e abordagens diante da perspectiva midiática e o emprego de TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação) nas escolas, relacionando como os docentes, junto ao contexto escolar, compreendem estes artefatos e como utilizam o mesmo.

Esta análise se limita em algumas questões, pois como o contexto da comunicação e da educação são muito amplos e

geram várias extensões, que podem ser diferidas ou assimiladas, por exemplo, este artigo poderia dialogar seus contextos por várias vertentes que estes dois campos disseminam. Porém, tivemos que focar, para não submergirmos em várias funções e tornarmos um artigo sem procedência na temática pesquisada.

A chave para o entendimento desta relação entre mídia e educação é a compreensão sobre o que estes sujeitos em formação escolar visualizam neste ambiente deslumbrante chamado mídia, embora muitos professores/educadores tenham demonstrado consentimento sobre o assunto mídia na sala de aula. Muitos desses docentes devem ampliar o seu olhar para os passos que a mídia impulsiona nessa relação com o educando.

Os educadores têm por obrigação emergir da sabedoria para conduzir os discentes ao desempenho lúdico da aprendizagem e da ciência, sem a utilização dos enredos midiáticos, mas também podem ensiná-los a desfrutar das tecnologias da informação e comunicação no universo escolar, como uma propagação da informação e do conhecimento.

### Referências

- BELLONI, M.L. *Crianças e mídias no Brasil: cenários de mudança*. Campinas: Papirus, 2010.
- BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LABRUNIE, M.G.L. *Máquinas didatizadas: uma análise dos usos das tecnologias da comunicação e da informação na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, 2004.
- MORAES, M.C. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. *Em aberto*, v.16, n.70, p.57-69, 1996.
- NCE USP. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. *EduComunicação*, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeeducacao>>. Acesso em: 10 jan. 2014.
- PORTO, T.M.E. *A televisão na escola... Afinal, que pedagogia é esta?* Araraquara: JM, 2000.
- SANTANA, C.M.H.; MERCADO, L.P.L. A mídia televisiva e a transmissão de valores na ótica dos alunos do ensino médio. *Educar em revista*, n.42, p.263-277, 2011.
- SANTOS, G.L. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. *Educação e pesquisa*, v.37, n.2, p.307-320, 2011.
- SETTON, M.G.J. Cinema: instrumento reflexivo e pedagógico. In: SETTON, M.G.J. *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume/ USP, 2004. p.67-80.
- SILVA, M.B. Educação e mídias: uma relação delicada. *Revista Olhar de professor*, v.14, n.1, p.15-26, 2011.
- TERUYA, T.K. Sobre mídia, educação e estudos culturais. In: MACIEL, L.S.B; MORI, N.N. R. (Org.). *Pesquisa em educação: múltiplos olhares*. Maringá: Eduem, 2009. p.151-165.
- ZANCHETA JR., J. Apontamentos para uma política educacional sobre mídia na escola brasileira. *Pro-Posições*, v.19, n.1, p.141-158, 2008.